

## FUNÇÕES DO MITO NA OBRA DE H. P. LOVECRAFT

Caio Alexandre BEZARIAS<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** The aim of this research is to investigate the function and the importance of the myth on Howard Phillips Lovecraft's work, notably on his most important and influential group of narratives, a set of dozen interconnected histories known as "The Cthulhu Cycle" or "The Great Old Ones Mythos". Our final intent is to reveal the meaning of Lovecraft's masterwork, its value as an intense and dialectic critique to the urban and industrial modern world

O projeto de mestrado exposto a seguir consiste em uma pesquisa sobre o mito e o tratamento mitológico de temas, ambiente e personagens na obra de Howard Phillips Lovecraft, escritor norte-americano considerado um dos artífices da literatura fantástica moderna. Seu objetivo último, ao utilizar o mito como fundamento de um conjunto de narrativas fantásticas, foi tecer uma crítica reativa e um tanto niilista à modernidade industrial e seus efeitos, o que torna sua obra digna de interesse e estudo aprofundado.

Dentre a obra em prosa de Lovecraft escolhemos como objeto de estudo o assim chamado ciclo de Cthulhu, um conjunto de doze narrativas formado por contos e novelas<sup>2</sup>, considerado a parcela mais importante e influente de sua produção literária. Investigamos seus mecanismos e recursos literários, os elementos históricos e as visões ideológicas envolvidos no ciclo de Cthulhu, para que assim seu sentido de crítica ao mundo da razão técnica revele-se e ganhe atualidade.

O trabalho compõe-se de três ensaios. O primeiro explica a importância do mito cosmogônico para o ciclo como um todo, mostrando como e porque apenas tal espécie de mito garante ao ciclo seu caráter crítico, dadas suas intenções e amplitude do projeto que fundamentam as narrativas. Esse primeiro texto volta-se sobretudo para os três contos centrais do ciclo, nos quais os fundamentos míticos desse cosmo fictício são estabelecidos: "O chamado de Cthulhu" (*The call of Cthulhu*, 1928), "Nas montanhas da loucura" (*At the mountains of madness*, 1936) e "A sombra fora do tempo" (*The shadow out of time*, 1936) – as datas são da primeira publicação, em revistas. Nos demais textos do ciclo o mito possui indiscutível importância e função, mas em nenhum desses há

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: caioab66@hotmail.com.

<sup>2</sup> Segundo Dirk W. Mosig (1980: 110-111), um dos mais importantes pesquisadores da obra de Lovecraft, os contos em que os "elementos pseudomitológicos formam o âmago da narrativa" são "A cidade sem nome", "O festival", "O chamado de Cthulhu", "À procura de Kadath", "O horror de Dunwich", "Um sussurro nas trevas", "A sombra sobre Innsmouth", "Nas montanhas da loucura", "Os sonhos na casa das bruxas", "A sombra fora do tempo", "O assombro das trevas" e "Através dos portões da chave da prata" (esta escrita com E. Hoffmann Price). Os títulos são os que constam nas edições brasileiras de H. P. Lovecraft.

elementos significativos do mito em si. Entre outras características típicas de narrativas mitológicas, presentes nessas narrativas, podemos apontar, apenas a título de ilustração, o modo de narrar e descrever os seres fantásticos e eventos como fundamento transcendente da realidade em que as personagens humanas existem, dando-lhes a condição de sagrados e terríveis, e o tom de absoluto espanto e pavor das personagens diante desse fundamento transcendente, muito além da condição humana. O segundo ensaio discorre sobre as características formais das principais narrativas do ciclo e investiga como e se a obra de Lovecraft incorpora ditames modernistas, que implicações essa incorporação traz ao mito e como as características formais também participam do sentido crítico do ciclo. Finalmente, o último capítulo mergulha na cosmovisão do ciclo e discute-a como manifestação de determinada visão sócio-política e suas possibilidades utópicas e distópicas, intimamente relacionadas.

### **Problema da pesquisa**

Howard Phillips Lovecraft nasceu em 20 de agosto de 1890, em Providence, no estado norte-americano de Rhode Island, e lá passou a maior parte de uma vida reclusa e excêntrica. Rhode Island é parte da Nova Inglaterra, sede do projeto puritano de construir uma comunidade baseada em princípios sociais e religiosos radicais e severos, projeto cuja longa e problemática execução originou os Estados Unidos e cuja cultura que o veiculava era a cultura na qual Lovecraft desenvolveu-se. Descendente de duas antigas famílias de autêntica estirpe anglo-saxã, Lovecraft foi um leitor voraz, que lia de textos ocultistas bizarros a tratados de química e astrofísica, e um escritor precoce e compulsivo (escreveu a primeira narrativa aos seis anos e enviou mais de cem mil cartas). Cresceu em um ambiente marcado por uma decadência social e econômica que muito o afetou. As conseqüências dessa queda de sua antiga linhagem (consta que seus ancestrais tinham a origem conhecida pelo menos até o lendário *Mayflower*) foram marcantes para ele: recebeu pouca educação formal, jamais teve uma profissão regular ou definida, foi um autêntico *outsider* por toda sua vida e, principalmente, observou com horror a “decadência” e “depravação” cultural e racial da Nova Inglaterra que ocorreu com grande violência e rapidez na segunda metade do século XIX, como conseqüência da industrialização e urbanização do território norte-americano.

Falecido precocemente em 1937, sua obra é considerada por seus pares (autores de ficção científica, fantasia, terror/horror) e apreciadores desses subgêneros como pedra fundamental para os mesmos, por ter levado estilo e possibilidades criativas de cenários e temática a novos patamares e ter gerado um número crescente de seguidores.

Tanta particularidade teria gerado uma obra delirante, carregada de excessos e imaginação, criticada muitas vezes pela linguagem pesada e repetitiva em que é vazada e pela visão ideológica abertamente racista e reacionária, mas reconhecida como uma das mais ousadas e imaginativas de toda a literatura fantástica do último século, por criar toda uma mitologia fictícia para a origem da humanidade e até mesmo para o surgimento da vida no planeta, pelos cenários e seres pavorosos e pela contribuição dada ao gênero por meio do que chamamos de textos fantásticos sincréticos, pois fundem em uma só narrativa cenários, temas, lugares-comuns e recursos estilísticos dos três subgêneros do fantástico.

O problema, o tema central de nossa pesquisa, consiste em descobrir e descrever, da forma mais rigorosa e instigante possível, o sentido crítico que um mito cosmogônico adquire ao ser o fundamento da cosmovisão de uma obra literária tão incensada e crítica como o ciclo de Cthulhu. Consideramos instigante que Lovecraft tenha baseado a porção mais expressiva de sua obra em um mito cosmogônico-artificial, em pleno século XX, em um momento em que as vanguardas e os modernismos de toda ordem já grassavam e em um tempo histórico em que o senso de comunidade e de totalidade que o mito veicula, entre os que o compartilham e nele crêem, já tinha se tornado por completo impossível. Esse aparente descompasso constitui um problema fértil, se esmiuçado da maneira correta, para revelar um sentido crítico e uma atualidade importantes à obra de H. P. Lovecraft, além de expor uma relação dialética insuspeita com seu tempo relação a qual pode ser aplicada às obras de outros autores do gênero, por vezes tachadas de simplistas, reacionárias e até mesmo apologistas do *statu quo* da sociedade industrial.

### **Fundamentação teórica**

Após alguma reflexão a respeito do arsenal teórico hoje disponível na teoria e crítica literária para levar a cabo um projeto como o aqui exposto, chegamos à conclusão de que o tema e objetivos de nosso projeto reclamavam o uso da teoria crítica da literatura e da cultura – principalmente os pensadores da Escola de Frankfurt e Fredric Jameson – devido sua penetração crítica e pelo sentido dialético que atribui à crítica literária, uma vez que nossa pesquisa volta-se aos aspectos morfológicos e estéticos do texto como manifestações literárias de conflitos e impasses histórico-sociais – principalmente suas fissuras ou “fraquezas”, uma vez que, segundo a teoria crítica, são estas, se bem observadas e objeto de reflexão, que revelam o verdadeiro caráter da obra, sua relação dialética com o tempo histórico que a gerou e sua possível atualidade. Em outros termos, a pesquisa deverá sem dúvida voltar-se ao tema do ciclo de Cthulhu e como este é uma forma radical de lidar com um momento histórico convulso, mas também deverá atentar ao conteúdo expresso pelos aspectos formais dos contos.

Outro elemento básico da fundamentação teórica é um conjunto de definições do que é mito, notadamente o que é um mito cosmogônico – aquele que narra a criação do cosmo organizado e como a espécie humana teve/tem seu estatuto estabelecido nesse cosmo pelas entidades e forças que o erigiram. Há uma variedade bastante larga de definições de mito que o universo das ciências humanas oferece ao pesquisador; tantas e tão contraditórias entre si que a paralisia ou a confusão, diante dessa gama, parece inevitável. Optamos pelas definições formuladas por Mircea Eliade (1992), Joseph Campbell (1990) e E. M. Meletínski (1998) sobre o mito, as duas primeiras por carregarem no bojo a idéia de que o mito é criação humana que busca harmonizar corpo e mente do homem ao cosmo e suas forças e ciclos, idéia que o ciclo aliás subverte, e pela firmeza de suas definições, que garantiram à pesquisa algo fundamental: um chão teórico firme. Já as palavras de Meletínski sobre o mito, além de também considerarem a harmonia cósmica proposta pelo mito ainda expõem a ligação entre os mitos primais da humanidade e a literatura posterior, expondo sua influência e permanência dos

contos folclóricos e épicas arcaicas à literatura do século XIX, o que foi de grande utilidade para apreendermos como o mito se insere em uma obra literária e o modifica.

Também nos reportamos ao clássico poema épico de Hesíodo *Teogonia* (2001) por conter o primeiro mito cosmogônico ocidental apresentado sob forma artística e ser influência basilar da obra de Lovecraft.

Finalmente, uma série de textos e estudos sobre os múltiplos significados e possibilidades da utopia, de seu papel e importância na literatura especulativa e crítica moderna, notadamente na literatura fantástica e na ficção científica, completam nosso fundamento teórico.

### **Metodologia adotada**

Uma vez definidos *corpus* e instrumentos teóricos da pesquisa, nos voltamos para o embate com os textos. Em termos simples, nossa metodologia pode ser definida como uma análise literária fundamentada no materialismo histórico e na teoria crítica, sempre buscando revelar o sentido crítico e dialético das narrativas do ciclo. Assim, a primeira etapa consistiu em uma análise dos três contos centrais do ciclo, já citados, de forma a encontrar e recortar, de seus centros dramáticos, as revelações e segredos que em conjunto compõem o conhecido “mito de Cthulhu” ou “mito dos Grandes Antigos” (“Great Old Ones” no original) e expor sua função, características e influência nos vários aspectos dos textos (e nas demais narrativas do ciclo). Em seguida, as conclusões e observações extraídas foram confrontadas aos conceitos dos três mitólogos, para determinar-se que funções esse mito possui no ciclo e como suas características ditas “puras” ou de “raiz” foram modificadas pelos intentos do autor; como essas modificações exprimem impasses e conflitos históricos e apontar a crítica à modernidade industrial-instrumental contida nessas modificações (também podemos nomeá-las fissuras), como forma de descobrir e descrever a atualidade do conjunto de narrativas, incluindo seus significados utópicos e distópicos.

### **Referências Bibliográficas:**

- CAMPBELL, Joseph. (1990). *O poder do mito*. com Bill Moyers. org. Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena.
- ELIADE, Mircea. (1992). [1969]. *Mito do eterno retorno – cosmo e história*. Trad. José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo.
- . *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, (Coleção Debates, 52).
- HESÍODO(2001 [1966]). *Teogonia – a origem dos deuses*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras (Biblioteca Pólen).
- LOVECRAFT, H. P. (2000). *O horror em Red Hook*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras.
- . *A casa das bruxas*. (1983). Trad. Donaldson M. Garschagem. Rio de Janeiro: Francisco Alves, (Coleção mestres do horror e da fantasia).
- . *A cor que caiu do céu*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- MELETÍNSKI, E. M. (1998). *Os arquétipos literários*. Trad. Aurora F. Bernardini, Homero de Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê Editorial.
- MOSIG, Dirk W. (1980). “H. P. Lovecraft: Myth-Maker”. In: JOSHI, S. T., ed. *H. P. Lovecraft: Four Decades of Criticism*. Athens: Ohio University Press, p. 110-111.